

PRÓLOGO

Esta noite amar-se-ão com desespero porque sabem que será a última noite que passam juntos. Nunca mais voltarão a ver-se.

Nunca.

Não será possível.

Vão acariciar-se e beijar-se intensamente, como só podem fazer duas pessoas angustiadas, tentando impregnar-se, através do sabor e do tato, da essência do outro.

A intensa chuva tropical açoita furiosa o parapeito do alpendre exterior que conduz aos quartos, afogado o ruído dos vossos gemidos enraivecidos. Os relâmpagos tentam estender-se no tempo para vencer a escuridão.

— Deixa-me ver-te, tocar-te, sentir-te mais um minutos...

Num canto do quarto, duas malas de couro gasto. Descansando nas costas de uma cadeira, uma gabardina. Um armário vazio com as portas semia-bertas. Um chapéu e uma fotografia em cima da mesa. Roupa em tons crus pelo chão. Uma cama transformada em ninho de amor pelo mosquitoeiro que a rodeia, suspenso no teto. Dois corpos a agitar-se na penumbra.

Isso será tudo depois de dezoito anos.

Podias ter desafiado o perigo e decidido ficar.

Ou podias nunca ter ido. Terias evitado a chuva, a maldita chuva que se empenha em assinalar os momentos mais tristes da tua vida.

Não sofrerias esta noite tão negra.

As gotas ressaltam nas vidraças da janela.

E ela...

Podia não se ter aferrado a ti quando sabia que era melhor não o fazer.

Não sofreria esta noite de claridade intermitente e cruel.

A chuva mansa e agradável cola-se aos objetos e desliza suavemente como as lágrimas, impregnando o ambiente de uma contagiante

melancolia. A chuva intensa desta noite açoita e recorda, ameaçadora, que não se afeiçoa a ninguém, que nem a terra pode absorvê-la, que morre no instante cruel em que ataca.

Desfrutaram de muitas noites de amor calmo, terno, sensual, místico. Gozaram o prazer proibido. E também foram livres de se amarem em plena luz.

Mas não vos bastou.

Esta noite são mil e uma gotas de tornado em cada investida.

Magoa! Arranca-lhe a pele com as unhas! Morde! Lambe! Impregna-te do seu cheiro!

Por existir. Por vos fazer sofrer. Por não poder mudar as circunstâncias. Pela separação que assumiram. Pela maldita resignação.

Pega na sua alma e dá-lhe a tua semente, embora saibas que não germinará.

— Vou-me embora.

— Vais-te embora.

— Mas ficas no meu coração.

Para sempre.

Soam duas pancadas secas e rápidas na porta, uma pausa e depois outras duas. É o sinal combinado. José é pontual. Tens de apressar-te, ou perdes o avião.

Não consegues apressar-te. Não conseguem descolar-se um do outro. Só querem chorar. Fechar os olhos e ficar nesse estado indefinido de irrealidade.

O tempo que lhes era destinado terminou. Não voltará. Não há nada que se possa fazer. Já falaram disso. Não haverá lágrimas; as coisas são como são. Talvez noutra época, noutro lugar... Mas vocês não decidiram onde nascer, a quem ou a que pertencer. Decidiram só amar-se, apesar das dificuldades.

Mesmo sabendo que este dia chegaria mais tarde ou mais cedo, como aconteceu, impondo uma pressa que impede uma despedida à luz do sol e nega a promessa de um pronto regresso.

Desta vez a viagem é numa só direção.

Levantas-te da cama e comesças a vestir-te. Ela continua sentada com as costas apoiadas na parede, os braços abraçando as pernas, o queixo apoiado nos joelhos. Contempla os teus movimentos por um instante e fecha os olhos para gravar na memória cada pormenor do teu corpo, dos teus gestos, do teu cabelo. Quando acabas de te vestir, ela levanta-se e dirige-se a ti. O seu único enfeite é um colar formado por uma fina tira de couro e duas conchas. Usou sempre este colar. Uma das conchas é um cauri, um pequeno caracol brilhante do tamanho de uma amêndoa. A outra é uma pequena concha de *Achatina* fossilizada. Ela tira o colar e passa-o em redor do teu pescoço.

— Vão dar-te boa sorte e prosperidade no teu caminho.

Rodeias-lhe a cintura com os teus braços fortes e atraí-la a ti, inalando o cheiro do seu cabelo e da sua pele.

— A minha sorte acaba aqui e agora.

— Não desespere. Mesmo que não te veja nem te possa tocar, onde quer que estejas, farás parte de mim.

Os seus grandes olhos, embora pesarosos, transmitem grande segurança e firmeza. Quer crer que nem a morte conseguirá separá-los, que haverá um lugar onde voltarão a juntar-se, sem tempo, sem pressas, sem proibições.

Pousas os dedos sobre as conchas do colar. O *cauri* é suave como a sua pele e brilhante como os seus dentes. A ranhura parece uma vulva perfeita, porta de entrada e saída da vida.

— Poderá uma pequena *Achatina* livrar-me também dos demónios de fortes cascos?

Ela sorri ao recordar a primeira vez que estiveram juntos.

— És forte como uma ceiba e flexível como uma palmeira real. Resistirás às rajadas de vento sem quebrar, com as raízes aferradas à terra e as folhas perenes estendendo-se para o céu.

De novo duas pancadas secas e rápidas na porta, uma pausa breve e outras duas pancadas. Uma voz tenta fazer-se ouvir de forma discreta sobre a tormenta.

— Peço-te. É muito tarde. Temos de partir.

— Já vou, Ösé. Um minuto.

Um minuto e adeus. Um minuto que pede outro, e depois outro.

Ela prepara-se para se vestir. Tu impede-la.

— Fica assim, nua. Deixa-me ver-te, por favor...

Agora não tem nem o colar para se proteger. E tu não tens nada para ela?

Em cima da mesa, o chapéu de que nunca mais precisarás e a única fotografia que têm dos dois juntos.

Pegas numa das malas, pousa-la sobre a mesa, abre-la e extrais uma tesoura de uma bolsa de pano. Dobras a fotografia, marcando com as unhas a linha que separa a tua imagem da dela, e cortas.

Entregas-lhe o fragmento em que apareces encostado a um camião, no pátio.

— Toma. Recorda-me como sou agora, tal como eu te recordarei a ti.

Olhas para a outra parte em que ela aparece, sorridente, antes de a meteres no bolso da camisa.

— Sinto na alma não poder...! — um soluço impede-te de continuar.

— Vai correr tudo bem — mente ela.

Mente porque sabe que sofrerá todas as vezes que atravessar o pátio, ou entrar na sala de jantar, ou pousar a mão no corrimão branco da elegante escadaria. Sofrerá todas as vezes que alguém pronunciar o nome do país para onde partes. Sofrerá todas as vezes que ouvir o motor de um avião.

Vai padecer todas as vezes que chover como esta noite.

— Vai correr tudo bem...

Estreita-la nos teus braços e sentes que a partir de agora nada vai correr bem.

Dentro de segundos, vais pegar nas tuas malas e na gabardina. Vais beijá-la novamente com paixão. Vais caminhar para a porta. Vais ouvir a voz dela e deter-te.

— Espera! Esqueces-te do chapéu.

— Não precisarei dele para onde vou.

— Mas vai recordar-te o que foste durante muitos anos.

— Não o quero. Guarda-o tu. Lembra-te do que fui para ti.

Vais aproximar-te e beijá-la por fim com a ternura cálida, densa e prolongada de um último beijo. Vais olhá-la nos olhos por um instante. Vão cerrar as pálpebras e apertar os dentes para evitar o choro. Vão acariciar-se suavemente nas faces. Vais abrir a porta, que se fechará atrás de ti com um ruído leve que te parecerá o impacto de um disparo. Ela vai apoiar a cabeça na porta e chorará então amargamente.

Tu vais sair para a noite e fundir-te-ás com a tormenta, que em momento algum quererá amainar.

— Obrigado Ösé. Obrigado pela tua companhia durante todos estes anos.

São as primeiras palavras que pronuncias desde que saíste do quarto em direção ao aeroporto. Soam-te estranhas, como se não as tivesses pronunciado. Tudo te parece desconhecido: a estrada, os edifícios, o terminal pré-fabricado em metal, os homens que se cruzam contigo.

Nada é real.

— Não tens de quê — responde-te José, perturbado, pousando-te uma mão no ombro.

As lágrimas brilham nos olhos rodeados de rugas deste homem que foi como um pai para ti neste lugar inicialmente estranho. O passar do tempo torna-se mais evidente na sua dentição. Quando o teu pai vos falava de José nas suas cartas, ou quando te contava histórias à beira do lume nas vigílias de inverno, repetia sempre que nunca vira uns dentes tão brancos e perfeitos em homem algum. Isso foi há uma eternidade.

Agora já não resta nada.

Também não voltarás a ver José.

O cheiro, o verde embriagante da natureza generosa, o som solene dos cantos profundos, a algaraviada das celebrações, a nobreza dos amigos como José e o calor permanente sobre a pele começaram a ser-te estranhos. Deixarás de fazer parte de tudo isto. No momento em que subires para o avião, voltarás a ser um *òpottò*, um estrangeiro.

— Querido Ösé... quero pedir-te um último favor.

— O que quiseres.

— Quando te desse jeito, de vez em quando, se pudesses, gostava que levasse umas flores à campa do meu pai. Fica muito sozinho nesta terra.

Que tristeza dá pensar que os nossos restos descansam num lugar esquecido, que não haverá ninguém que nos dedique uns minutos junto da nossa campa.

— Antón terá flores frescas na campa enquanto eu viver.

— *Tènki, mi fren.*

«Obrigado, meu amigo. Por me tirares de apuros. Por me ajudares a compreender este mundo tão diferente do meu. Por me ensinares a amá-lo. Por saberes ver para além do dinheiro que me trouxe aqui. Por não me julgares...»

— *Mi hat no gud, Ösé.*

— *Yu hat e stron, mi fren.*

«O meu coração não está bom. O teu coração é forte, meu amigo.» O teu coração não está bem, mas o teu coração é forte.

Resistirá a tudo o que vier.

Resistirás, sim. Mas não esquecerás que durante anos usaste quatro línguas que agora se revelam insuficientes para descrever o que sentes: que «tu hat no gud» .

O avião espera na pista.

Adeus, *vitémá*, homem de grande coração. Cuida bem de ti. «Tek kea, mi fren.» Aperta-me a mão. «Shek mi jan.»

«Take care. Shake my hand.»

Vais deixar-te arrastar pelas nuvens durante milhares de quilómetros e aterrarás em Madrid, onde apanharás um comboio para Saragoça. Depois vais entrar num autocarro e, daí a pouco, vais reencontrar-te com os teus. Todas as horas da viagem vão revelar-se escassas para te desligar dos últimos anos, que terão sido os melhores da tua vida.

E esse facto, o reconhecimento de que os melhores anos da tua existência se passaram em terras longínquas, será um segredo que vais guardar nas profundezas do teu coração.

Não podes saber que o teu segredo verá a luz daqui a mais de trinta anos. Não podes saber que um dia as duas partes da imagem tão cruelmente separadas voltarão a juntar-se.

Ainda não existe Clarence.

Nem a tua outra Daniela.

À medida que o avião ganha altitude, verás pela janela como a ilha vai encolhendo. Todo o verde do mundo, que em tempos invadiu o teu ser, vai transformar-se gradualmente numa leve mancha no horizonte até desaparecer. No avião viajarão contigo outras pessoas. Todos vocês se manterão em silêncio. Todos levarão as vossas histórias.

O silêncio poderá traduzir-se numas breves palavras, insuficientes para explicar a opressão no peito:

— *Ö má we è, etúlá.*

Adeus, vossa querida ilha no mar.

I

O MÊS MAIS CRUEL

PASOLOBINO, 2003

Umás poucas linhas fizeram com que Clarence sentisse primeiro uma grande curiosidade e depois uma inquietação crescentes. Nas mãos tinha um pequeno pedaço de papel que se tinha colado a um dos muitos envelopes quase transparentes, debruados a azul e vermelho, em que se enviavam as cartas por avião ou por barco décadas atrás. O papel das cartas era fino, para que pesassem menos e o custo do envio fosse menor. Em consequência disso, em leves e pequenas pilhas de papel acumulavam-se retalhos de vidas apertadas em palavras que lutavam para não sair das margens inexistentes.

Clarence leu pela enésima vez o pedaço de papel escrito com caligrafia diferente da das cartas espalhadas pela mesa da sala:

... eu já não volto a F. P., portanto, se achares bem, voltarei a recorrer aos amigos de Ureka para que possas continuar a enviar o teu dinheiro. Ela está bem, é muito forte, teve de sê-lo, embora sinta a falta do seu bom pai, que, lamento dizer-te, porque sei quanto o sentirás, faleceu há uns meses. E fica descansado, que os filhos dela também estão bem, o mais velho a trabalhar e o outro a aproveitar os estudos. Se visses como está tudo diferente de quando...

Era tudo. Nem uma data. Nem um nome.

A quem era dirigida aquela carta?

O destinatário não podia pertencer à geração do avô, porque a textura do papel, a tinta, o estilo e a caligrafia pareciam mais recentes. Por outro lado, a carta era dirigida a um homem, como mostrava claramente o uso do

adjetivo *descansado*, o que reduzia o círculo ao seu pai, Jacobo, e ao seu tio, Kilian. Por último, o papel tinha aparecido junto de uma das poucas cartas escritas pelo seu pai. Que estranho... Porque não se tinha conservado o texto completo? Imaginou Jacobo a guardar a missiva para logo a seguir se arrepender e decidir voltar a tirá-la sem reparar que se rasgava um pedaço no processo. Porque teria o seu pai feito isso? Era assim tão comprometedora a informação que lá aparecia?

Clarence ergueu a vista do papel com uma expressão aturdida, pousou-a sobre a grande mesa de nogueira situada em frente a um sofá *chester* de couro preto, e esfregou os olhos doridos. Estava a ler sem parar havia mais de cinco horas. Suspirou e levantou-se para atirar outro pedaço de lenha para o lume. A madeira de freixo começou a crepitar ao ser recebida pelas chamas. A primavera estava a ser mais húmida do que o normal, e o facto de ter estado sentada durante tanto tempo fazia com que ela sentisse mais frio. Esteve uns segundos de pé, com as mãos estendidas para a lareira, esfregou os antebraços e apoiou-se no rebordo da chaminé, sobre o qual pendia um *trumeau* retangular de madeira com uma grinalda talhada na parte superior. O espelho ofereceu-lhe a imagem cansada de uma jovem com círculos escuros sob os olhos verdes e madeixas rebeldes de cabelo castanho, que se tinham soltado da grossa trança, marcando um rosto oval em cuja face a preocupação desenhara pequenas rugas. Porque se tinha alarmado tanto ao ler aquelas linhas? Sacudiu a cabeça como se um calafrio lhe percorresse o corpo, dirigiu-se de novo para a mesa e sentou-se.

Tinha classificado as cartas por autor e por ordem cronológica, começando pelas do ano de 1953, data em que Kilian escrevia pontualmente de quinze em quinze dias. O conteúdo condizia na perfeição com a personalidade do seu tio: as cartas eram extremamente detalhadas nas descrições da vida diária, do seu trabalho, do ambiente e do clima. Contava tudo pormenorizadamente à mãe e à irmã. Do seu pai havia menos cartas; em muitas ocasiões limitava-se a acrescentar três ou quatro linhas ao que o irmão escrevera. Por último, as cartas do avô Antón eram escassas e curtas, e estavam cheias das formalidades típicas dos anos trinta e quarenta do século XX, infomando que graças a Deus estava bem, desejando que todos estivessem também bem, e agradecendo a quem ajudara — algum familiar ou vizinho — na casa Rabaltué a sua generosidade por se encarregar de uma coisa ou outra.

Clarence alegrou-se por não estar ninguém em casa. A sua prima Daniela e o tio Kilian tinham ido à cidade para um *check-up* médico a este último, e os pais só chegariam dali a quinze dias. Não podia evitar sentir-se um pouco culpada pelo que tinha feito: ler as intimidades de quem ainda estava vivo. Sentia estranheza ao bisbilhotar no que o pai e o tio tinham escrito décadas atrás. Era algo que se costumava fazer ao ordenar os papéis de quem tinha falecido. E, de facto, ler as cartas do avô, que nem sequer conhecera, não lhe causava a mesma estranheza que lhe causavam as cartas de Jacobo e Kilian.

Já sabia muitas das historietas que acabara de ler, sim. Mas, narradas na primeira pessoa, com a letra inclinada e tremida de quem não está acostumado à escrita, e impregnadas de uma emoção contida que tentava ocultar de modo infrutífero sentimentos mais que evidentes de saudade, tinham-lhe provocado uma mistura de emoções intensas, a ponto de mais que uma vez lhe aflorarem lágrimas aos olhos.

Lembrava-se de ter aberto o armário escuro do fundo do salão quando era mais nova e de ter roçado as cartas com as mãos enquanto se entretinha e remexia nos documentos que lhe permitiam desenhar a imagem do que tinha sido a centenária Casa Rabaltué: recortes de imprensa amarelados pelo tempo; folhetos de viagem e contratos de trabalho; cadernos antigos de compra e venda de gado e arrendamento de fazendas; listas de ovelhas tosquiadas e borregos vivos e mortos; registros de batizados e funerais; desejos de Boas-Festas com traço inseguro e tinta esborratada; convites e ementas de casamento; fotografias de bisavós, avós, tios-avós, primos e pais; escrituras de propriedade desde o século XVII, e documentos de permuta de terrenos por parcelas edificáveis entre a estância de esquí e os herdeiros da casa.

Não lhe tinha ocorrido dar atenção às cartas pessoais pela simples razão de até ali lhe terem bastado os relatos de Kilian e Jacobo. Mas, claro, isso era porque ainda não tinha assistido a um congresso no qual, por culpa das palavras de alguns conferencistas africanos, sensações desconhecidas e inquietantes para ela — filha, neta e sobrinha de colonos — tinham começado a germinar-lhe no coração. A partir daquele momento, tinha despertado nele um interesse especial por tudo o que tivesse a ver com a vida dos homens da sua casa. Recordou a urgência repentina que lhe tinha dado de subir à aldeia e abrir o armário, e a impaciência que se ia apoderando dela quando as suas obrigações laborais na universidade se empenhavam em retê-la contra a sua vontade. Felizmente, tinha conseguido libertar-se de tudo em tempo recorde, e a invulgar circunstância de não estar ninguém na casa tinha-lhe proporcionado a ocasião de ler os escritos uma e outra vez com absoluta tranquilidade.

Perguntou-se se mais alguém teria aberto o armário nos últimos anos: se a mãe, Carmen, ou a prima, Daniela, tinham sucumbido também à tentação de remexer no passado ou se o pai e o tio tinham sentido alguma vez o desejo de se reconhecerem nas linhas da sua juventude.

Rapidamente descartou a ideia. Ao contrário dela, Daniela gostava de coisas velhas apenas o suficiente para admitir que lhe agradava o aspeto antigo da casa de pedra e ardósia e os seus móveis escuros, sem mais. Carmen não tinha nascido naquele lugar nem naquela casa, e nunca tinha chegado a senti-la como sua. A sua missão, sobretudo desde a morte da mãe de Daniela, era que a casa se conservasse limpa e arrumada, que a despensa estivesse sempre cheia, e que qualquer desculpa servisse para organizar uma comemoração. Adorava passar ali longas temporadas, mas dava graças por ter outro lugar por residência habitual que, esse sim, era completamente seu.

Quanto a Jacobo e a Kilian, pareciam-se com todos os homens da montanha que ela conheceria: eram reservados até extremos enervantes e muito zelosos da sua intimidade. Era surpreendente que nenhum dos dois tivesse decidido destruir todas as cartas, tal como ela fizera aos diários da sua adolescência, como se aquele ato de destruição pudesse apagar o sucedido. Clarence ponderou várias possibilidades. Tinham talvez consciência de que nelas não havia realmente nada, além de fortes sentimentos de nostalgia, que as transformassem em candidatas ao lume. Ou talvez tivessem conseguido esquecer o narrado ali — algo de que ela duvidava, dada a tendência de ambos para falar continuamente da sua ilha preferida — ou tinham-se simplesmente esquecido da existência delas, como costuma acontecer com os objetos que vamos acumulando ao longo da vida.

Fossem quais fossem as razões por que as cartas se tinham conservado, ela teria de averiguar o acontecido — se é que alguma coisa tinha acontecido — precisamente pelo que não estava escrito, pelas interrogações que lhe suscitava aquele pedaço de papel que tinha nas mãos e que pretendia alterar a vida aparentemente tranquila da casa de Pasolobino.

Sem se levantar da cadeira, estendeu o braço para uma mesinha sobre a qual repousava uma pequena arca, abriu uma das gavetinhas e extraiu uma lupa para observar com mais atenção os bordos do papel. No extremo inferior direito podia ver-se um pequeno traço do que parecia um número: uma linha vertical cruzada por um traço.

Portanto... o número podia bem ser um sete.

Um sete.

Tamborilou com os dedos na mesa.

Era improvável ser um número de página. Talvez uma data: 1947, 1957, 1967. Até onde pudera averiguar, nenhuma das três encaixava nos factos descritos nas cartas que configuravam o emotivo legado da vida colonial de alguns espanhóis numa plantação de cacau.

Na realidade nada lhe chamara tanto a atenção como aquelas linhas nas quais uma terceira personagem, desconhecida dela, dizia que não voltaria com a mesma frequência, que alguém enviava dinheiro da Casa Rabaltué, que três pessoas que o destinatário da carta — Jacobo? — conhecia estavam bem, e que um ente querido tinha falecido.

A quem podia o seu pai enviar dinheiro? Porque havia de preocupá-lo se alguém de lá estava bem ou não ou, mais concretamente, se lhe corriam bem os estudos ou o trabalho? Quem seria essa pessoa cujo falecimento ele teria sentido tanto? Os amigos de Ureka, dizia a nota... Nunca tinha ouvido o nome de tal lugar, se é que era um lugar... Talvez uma pessoa? E o mais importante de tudo: quem era *ela*?

Clarence tinha escutado centenas de histórias da vida dos homens da Casa Rabaltué em terras longínquas. Sabia-as de cor, porque qualquer pretexto servia para Jacobo e Kilian falarem do seu paraíso perdido. A que ela

acreditava ser a história oficial dos homens da sua casa adotava sempre a forma de lenda que começava décadas atrás numa pequena aldeia dos Pirenéus, continuava numa pequena ilha em África e terminava de novo na montanha. Até àquele momento, em que algumas interrogações surgiram da leitura de um pequeno pedaço de papel para aumentar a sua curiosidade, não passara pela cabeça de Clarence que podia ter sido ao contrário: que tinha começado numa pequena ilha em África, continuara numa pequena aldeia dos Pirenéus e terminara de novo no mar.

Não, se agora ia descobrir que se tinham esquecido de lhe contar coisas importantes... Clarence, presa da tentação de se deixar levar por pensamentos fantasiosos, franziu o sobrolho enquanto recapitulava mentalmente as pessoas de que falavam Jacobo e Kilian nas suas narrativas. Quase todas tinham a ver com o seu ambiente mais próximo, o que não era de estranhar, pois o iniciador daquela exótica aventura fora um jovem aventureiro do vale de Pasolobino que zarpara para terras desconhecidas em finais do século XIX, em datas próximas do nascimento dos avós, Antón e Mariana. O jovem tinha amanhecido numa ilha do Oceano Atlântico situada na então conhecida como Baía do Biafra. Em poucos anos tinha conseguido uma pequena fortuna e tornara-se proprietário de uma fértil plantação de cacau, que exportava para todo o mundo. Longe dali, nas montanhas dos Pirenéus, homens solteiros e casais jovens decidiram ir trabalhar na plantação do antigo vizinho e na cidade próxima da plantação.

Trocaram os verdes pastos por palmeiras.

Clarence sorriu ao imaginar aqueles homens rudes e fechados da montanha, de caráter taciturno e sério, pouco expressivos e habituados a uma gama cromática limitada ao branco da neve, ao verde dos pastos e ao cinzento das pedras, descobrindo as cores chamativas dos trópicos, as peles escuras dos corpos seminus, as construções leves e a carícia da brisa do mar. Na verdade ainda a surpreendia imaginar Jacobo e Kilian como protagonistas de qualquer dos muitos livros ou filmes sobre as colónias em que se representava o contexto colonial pelo olhar do europeu; naquele caso, da perspectiva dos seus próprios familiares. A versão deles era a única que conhecia.

Clara e inquestionável.

A vida diária nas plantações de cacau, as relações com os nativos, a comida, os esquilos voadores, as serpentes, os macacos, as grandes lagartixas coloridas e o *jenjén*; as festas dos Domingos, o *tam-tam* das *tumbas* e *dromas*...

Isso era o que lhe contavam. O mesmo que aparecia escrito nas primeiras cartas do tio Kilian.

Como trabalhavam! Como aquela vida era dura!

Inquestionável.

... Os filhos dela também estão bem...

A data teria de ser 1977, ou 1987, ou 1997...

Quem podia esclarecer-lhe o significado daquelas linhas? Pensou em Kilian e Jacobo, mas depressa teve de admitir que teria muita vergonha ao reconhecer que lera todas as cartas. Uma vez ou outra, a curiosidade tinha-a levado a fazer perguntas atrevidas nos jantares familiares em que surgira o tema do passado colonial, mas ambos tinham desenvolvido uma oportuna habilidade para desviar as conversas para temas gerais que lhes convinham mais. Entrar de supetão com uma pergunta diretamente relacionada com aquelas linhas e esperar uma resposta clara, sincera e direta era esperar muito.

Acendeu um cigarro, levantou-se e dirigiu-se para a janela. Abriu-a um pouco para que saísse o fumo e respirou o ar fresco daquele dia chuvoso que humedecia ligeiramente a lousa escura dos telhados das casas de pedra que se apertavam por baixo das janelas da sua casa. O centro histórico alargado de Pasolobino ainda conservava um aspeto semelhante ao das fotografias a preto e branco do início do século XX, embora a maioria das quase cem casas tivesse sido reabilitada e nas ruas o empedrado tivesse sido substituído por pavimento. Fora dos limites da vila, cuja origem remontava ao século XI, estendiam-se as urbanizações de blocos de apartamentos turísticos e hotéis que a estância de esqui trouxera consigo.

Dirigiu o olhar para os cumes nevados, até à fronteira onde terminavam os abetos e começava a rocha, oculta ainda pelo manto branco. A dança das brumas à frente dos cumes oferecia um panorama belíssimo. Como podiam ter resistido tantos anos os homens da sua família longe daquelas montanhas magníficas, da fragrância matinal da terra húmida e do silêncio apaziguador da noite? Tinha de haver algo atraente naquele esplendor que se desprendia perante os seus olhos, visto que *todos* os que tinham viajado para a ilha tinham acabado por regressar mais tarde ou mais cedo...

Então, de repente, veio-lhe à mente a imagem da pessoa a quem perguntar. Como não se tinha lembrado antes?

Julia!

Ninguém como ela para resolver as suas dúvidas! Cumpria todos os requisitos: estivera presente em momentos do passado da sua família; tinha vivido na ilha naquelas datas; partilhava do tom de nostalgia pelo esplendor perdido e da sedução do exótico das narrações de Jacobo e Kilian; e estava sempre disponível para grandes conversas com Clarence, que tratava com um afeto quase maternal desde pequena, talvez por só ter tido filhos varões.

Virou-se rapidamente em busca de um cinzeiro e apagou o cigarro antes de sair do salão e dirigir-se ao seu escritório para telefonar a Julia. Ao atravessar o grande vestíbulo que servia de distribuidor para as diferentes áreas da casa, e pelo qual se acedia também às escadas que conduziavam aos quartos do andar superior, não pode evitar deter-se perante o enorme quadro que se encontrava por cima de uma grande arca de madeira talhada à mão com o primor dos artesãos do século XVII, uma das poucas joias de mobiliário que tinha sobrevivido à passagem dos anos para recordar a nobreza perdida da sua casa.

O quadro mostrava a árvore genealógica da sua família paterna. O primeiro nome que se podia ler na parte inferior, e que datava de 1395, Kilian de Rabaltué, continuava a intrigar Clarence. Que o nome de um santo irlandês que tinha percorrido a França para acabar na Alemanha fosse o nome do fundador da sua casa era um mistério que ninguém na família conseguia explicar. Provavelmente, aquele Kilian passara de França para Pasolobino pelos Pirenéus e, juntamente com o seu gene viajante e os reflexos acobreados do seu cabelo, tinha-se ali estabelecido. A partir daquelas três palavras, aparecia desenhado um longo tronco que se estendia verticalmente para cima e do qual saíam os ramos horizontais com folhas, nas quais estavam escritos os nomes dos irmãos e irmãs, com suas esposas e esposos e os descendentes da geração seguinte.

Clarence deteve-se na geração do seu avô, a pioneira da aventura em terras longínquas, e passou as datas em revista. Em 1898 tinha nascido o seu avô, Antón de Rabaltué, que se casara em 1926 com Mariana de Malta, nascida em 1899. Em 1927 nascera o seu pai. Em 1929 nascera o seu tio Kilian e, em 1933, a sua tia Catalina.

Pensou que as árvores genealógicas podiam ser muito previsíveis naquelas terras. Havia poucas variações. Sabia-se perfeitamente de onde cada pessoa procedia. Na casa correspondente, constavam a sua data de nascimento, nome e apelidos e a sua casa natal. Por vezes os apelidos eram substituídos pelo nome da casa e da aldeia de procedência, dado que muitos dos novos candidatos a gozar de registo provinham de terras vizinhas. O tronco central da árvore conduzia a vista desde o primeiro Kilian até aos últimos herdeiros em linha direta. O normal era que os nomes se repetissem geração após geração, evocando épocas passadas de condes e damas — porque os nomes antigos em papéis antigos tinham o estranho condão de excitar a imaginação da jovem: Mariana, Mariano, Jacoba, Jacobo, algum Kilian, Juan, Juana, José, Josefa, alguma Catalina, Antón, Antonia... Lendo árvores genealógicas, uma das suas grandes paixões, Clarence podia imaginar como a vida fluía sem grandes mudanças: nascer, crescer, reproduzir-se e morrer. A mesma terra e o mesmo céu.

No entanto, os últimos nomes que apareciam na árvore representavam uma clara rutura com um passado supostamente petrificado. Os nomes de Daniela e Clarence quebravam a monotonia dos anteriores. Era como se, aquando do nascimento de ambas, algo já estivesse a mudar, como se os seus progenitores as estivessem de algum modo a marcar com palavras carregadas de significado para eles. Tinham sabido já crescidas que Kilian escolhera o nome de Daniela sem que Pilar, a sua mulher, pudesse argumentar para o impedir. Era um nome de que ele sempre tinha gostado e ponto. Por outro lado, a explicação para o nome de Clarence residia na sua mãe, grande leitora de ficção romântica, que tinha remexido no passado viajante do marido até dar com um nome suficientemente contundente para a satisfazer: Clarence

de Rabaltué. Pelos vistos, Jacobo não tinha posto objeções, talvez porque aquele nome, que correspondia a uma antiga cidade africana, lhe fazia lembrar todos os dias a sua relação com o passado idílico a que tantas vezes aludia, juntamente com Kilian.

Perante aquele quadro, por um momento, Clarence abriu mentalmente novas casas nas linhas imediatamente superiores à sua e à da sua prima. Como se chamariam as gerações seguintes, se é que as haveria? Sorriu para consigo. Definitivamente, à velocidade a que ela ia, passariam anos até se completar uma nova linha, o que era pena, porque entendia a vida como uma longa cadeia em que todos os elos com nomes e apelidos criavam uma sólida e extensa unidade. Não podia compreender que houvesse quem desconhecesse os antepassados de gerações anteriores aos seus avós. Mas, claro, nem todos tinham o que para ela era a sorte de ter crescido num ambiente fechado, controlado e anotado a que recorrer quando a vida a desorientava com as suas indecisões. No seu caso, o compreensível mas um tanto exagerado apego à sua casa natal, ao seu vale e às suas montanhas ultrapassava e superava o meramente genético para se transformar em algo mais profundo e espiritual que acalmava a sua apreensão existencial pela intranscendência. Talvez devido àquele desejo de fazer parte de uma ligação íntima entre passado e futuro, Clarence tinha conseguido focar a sua vida laboral, dedicada à investigação linguística, no estudo do pasolobinês. A defesa recente da tese de doutoramento, razão pela qual estava exausta e saturada do mundo académico, tinha-a transformado não só na pessoa que mundialmente mais sabia a nível teórico sobre aquela língua à beira da extinção, como também na guardiã de uma parte da sua herança cultural, pelo que se sentia muito orgulhosa.

Não obstante, tinha de admitir que por vezes lamentava a quantidade de tempo de vida real que tanto estudo lhe tinha tirado. Sobretudo no tocante a relações, porque o certo era que a sua vida amorosa era um desastre. Por uma razão ou outra, os seus namoros nunca conseguiam ultrapassar a barreira dos doze meses, algo em que coincidia com Daniela; só que esta não parecia ficar muito afetada com isso, talvez por ser seis anos mais nova ou simplesmente pela sua natureza paciente. Sorriu de novo ao pensar na sorte que ambas tinham tido, filhas únicas, por terem crescido praticamente juntas. Que teria ela feito sem esse presente que o céu lhe enviara para substituir todas as suas bonecas de infância? Apesar de serem tão diferentes física e emocionalmente, sentiam-se irmãs inseparáveis e, como tal, tinham partilhado milhares de vivências e historietas. Recordou o código de honra que tinham acordado quando a diferença de idades deixou de ser um impedimento para irem juntas às festas: no caso de ambas se sentirem atraídas pelo mesmo jovem, tinha o caminho livre aquela que o tivesse conhecido primeiro. Felizmente, devido às suas personalidades — Daniela era mais tímida, mais prática e aparentemente menos apaixonada — e aos seus gostos — Clarence era atraída por inexistentes homens solitários e misteriosos, de corpos musculosos,

enquanto os reais atraíam a prima — não tinha sido necessário pôr à prova a sua fidelidade.

Suspirou e deixou que a imaginação voasse por uns segundos, só isso, uns segundos, para completar as casas dos seus invisíveis descendentes.

De repente, um leve calafrio percorreu-lhe o corpo, como se alguém lhe tivesse soprado sobre a nuca ou a tivesse acariciado com uma pequena pluma. Com um sobressalto, virou-se rapidamente. Durante uns décimos de segundo sentiu-se aturdida, mesmo atemorizada, por ter sentido a presença de alguém, o que era ridículo, raciocinou a seguir, porque sabia que ninguém voltaria até dali a uns dias e que todas as portas estavam bem fechadas: não sendo excessivamente medrosa — era talvez mais do que gostaria — tomava as suas precauções.

Sacudiu a cabeça para afastar os pensamentos absurdos dos últimos minutos e concentrou-se no que tinha de fazer, que era telefonar a Julia. Passou umas das portas com entalhes de losangos da saleta, que se situava sob a ampla escadaria de degraus de madeira que conduzia ao piso superior, e entrou no seu escritório, dominado por uma ampla secretária de carvalho, sobre a qual estava o seu telemóvel.

Olhou para o relógio e calculou que, àquela hora, Julia, uma mulher bastante metódica, já teria chegado a casa vinda da igreja. Quando estava em Pasolobino, todos os dias ia com uma amiga à missa das cinco, dava uma volta pela vila e bebia um chocolate antes de voltar de carro para casa.

Para sua estranheza, Julia não atendeu. Decidiu ligar-lhe para o telemóvel, e encontrou-a tão concentrada a jogar às cartas em casa de outra amiga que mal conversaram. O melhor era ficar para o dia seguinte. Sentiu-se um pouco desiludida. Não lhe restava alternativa senão esperar.

Teria de esperar *um dia*.

Decidiu voltar ao salão e ordenar todos os papéis que tinha espalhado. Repôs as cartas no sítio e guardou o pedaço de papel na carteira.

Depois do entretenimento das últimas horas, de repente não sabia o que fazer para passar o que restava do dia. Sentou-se no sofá *chester* em frente à lareira, acendeu outro cigarro, e pensou em como tudo tinha mudado desde que Antón, Kilian e Jacobo tinham ido para a ilha, sobretudo o conceito de tempo. As pessoas da geração de Clarence tinham o computador, o correio eletrónico e o telefone para contactar no momento os entes queridos. Isso tinha-as transformado em seres impacientes: não se davam bem com a incerteza nem com a espera, e qualquer pequeno atraso na satisfação dos seus desejos transformava-se numa lenta tortura.

Naquele momento, a única coisa que interessava a Clarence era que Julia lhe pudesse dizer algo que explicasse o sentido daquelas poucas linhas que, na sua mente, se traduziam numa única ideia: o seu pai podia ter enviado dinheiro a uma mulher com uma certa frequência.

O resto da sua vida tinha passado de repente para segundo plano.